



EXPERIÊNCIAS DE ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA EM CONTEXTO BRASILEIRO

Rodolfo Luís
Leite Batista
Cristina Lhullier
Organização



EXPERIÊNCIAS DE ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA EM CONTEXTO BRASILEIRO

Rodolfo Luís Leite Batista
Cristina Lhullier
Organização

Editora do Portal História da Psicologia
Rio das Ostras, RJ – Brasil
2024

Editor: André Elias Morelli Ribeiro

Capa: Lara Gomes

Edição e revisão técnica: André Elias Morelli Ribeiro

Para elaboração dos capítulos, os autores foram orientados a utilizar as normas da ABNT (NBR 6023/2018 e NBR 10520/2017). A correção ortogramatical e formato de redação são de responsabilidade dos autores. Em caso de republicação, os capítulos e os artigos mantêm sua formatação original.

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Pâmella Priscilla Negrão Braga CRB-7/6062

E96

Experiências de ensino de história da psicologia em contexto brasileiro. / Rodolfo Luís Leite Batista, Cristina Lhullier organização. – Rio das Ostras, RJ: Editora do Portal História da Psicologia, 2024. xxi, 560f.: il. (color.) : em PDF

E-book.

ISBN: 978-65-997325-3-9

Bibliografia

1. Psicologia - Brasil - História. I. Batista, Rodolfo Luís Leite (Organizador). II. Lhullier, Cristina (Organizador). III. Título.

CDD 150.981

Conselho editorial

André Elias Morelli Ribeiro (Universidade Federal Fluminense)

Arthur Arruda Leal Ferreira (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Luiz Eduardo Prado da Fonseca (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Cristina Lhullier, Rodolfo Luís Leite Batista.....IX

PREFÁCIO

Renato Sampaio Lima, Sérgio Dias Cirino.....XIX

PARTE I

INSTITUCIONALIZAÇÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL: DA REFORMA BENJAMIN CONSTANT ÀS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS

*Luísa Xavier de Brito Silva, Walter Aristóteles Oliveira
Miez, Sérgio Dias Cirino, Rodrigo Lopes Miranda, Paulo
Coelho Castelo Branco, Erika Lourenço.....23*

O ENSINO DE PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO NO INTERIOR DO MATO GROSSO DO SUL

*Letícia Martins Righi, Allana Patrícia da Silva, Maria
Eduarda Gregório dos Santos, Felipe Maciel dos Santos
Souza, Denise de Matos Manoel Souza.....61*

CLIO E PSYCHÉ VÃO À SALA DE AULA: O ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Ana Maria Jacó Vilela, Filipe Degani Carneiro.....76

**NA BUSCA PELO ENSINO DE UMA HISTÓRIA
POLÍTICA E SOCIAL DA PSICOLOGIA: POR UM
NOVO LUGAR PARA A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA
NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL**

André Elias Morelli Ribeiro.....108

**RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE ENSINO DE
HISTÓRIA DA PSICOLOGIA**

*Rodrigo Lopes Miranda, Gabriela Syperreck Ramires,
Isabella Espíndola Rodrigues, Letícia Andrade
Herrera.....145*

**CONTEMPLAR O BELO PARA CONHECER O
HUMANO E SUAS RELAÇÕES AO LONGO DA
HISTÓRIA: ENRIQUECENDO A FORMAÇÃO
UNIVERSITÁRIA POR MEIO DA ARTE**

*Roberta Vasconcelos Leite, Yuri Elias Gaspar, Marcelo
Augusto de Oliveira, Maria Gabrielle Coelho
Caldeira.....174*

**O USO DE PODCASTS NO ENSINO DE HISTÓRIA
DA PSICOLOGIA EM UMA PERSPECTIVA
DECOLONIAL: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

Erika Lourenço.....224

**O USO DE BIOGRAFIAS E A PRODUÇÃO DE
VÍDEO-DOCUMENTÁRIOS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL**

*Rodolfo Luís Leite Batista, Andrêza Reis da Silva,
Fernanda de Cássia Oscar Otaciano.....247*

**O ENSINO DA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA: RELATO
DE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTUDO ORIENTADO,
EM GRUPOS E ACUMULATIVA**

Alcides José Sanches Vergara.....276

**O GRUPO DE ESTUDOS HISTORIOGRÁFICOS DE
PSICOLOGIA SOVIÉTICA DAS DÉCADAS DE 1930 E
1940: A PSICOLOGIA SOVIÉTICA CONTRA A
EXTREMA-DIREITA HITLERISTA**

*Juberto Antônio Massud de Souza, Brenda Rodrigues
Marcelino Alexandre, Bruna Torrecilha Cessel, Diego
Duarte Ribeiro, Guilherme José Pavesi, Letícia José
Pedrozo, Maria Eduarda Fiorini, Nathália Soares de
Lima.....298*

SABERES E FAZERES DA PSICOLOGIA BRASILEIRA

Anderson de Brito Rodrigues.....333

**PANDEMIA DE COVID-19: VIVÊNCIAS E
MEMÓRIAS DE UM PROFESSOR DE HISTÓRIA DA
PSICOLOGIA**

Dener Luiz da Silva.....368

MODELO PARA ANÁLISE ESTRUTURAL DE TEORIAS NO CONTEXTO DA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

William Barbosa Gomes.....401

PERCURSOS, RECURSOS, TRANSCURSOS E CURSOS EM HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

Arthur Arruda Leal Ferreira, Marcus Vinícius Amaral do Gama Santos, Raphael Thomas Pegden.....441

PARTE 2

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA PARA CURSO DE GRADUAÇÃO

William Barbosa Gomes.....481

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA: RECURSOS PARA FORMAÇÃO DE PESQUISADORES E DE PSICÓLOGOS

Maria do Carmo Guedes.....496

A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA COMO DISCIPLINA DE MESTRADO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Inês Rosa Bianca Loureiro, Marisa Todescan Dias da Silva Baptista.....510

**ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA E
DESENHOS ANIMADOS: POSSIBILIDADES DE
NOVAS ARTICULAÇÕES**

Cristina Lhullier.....529

**NOTAS SOBRE AS AUTORAS E OS
AUTORES**.....555

SABERES E FAZERES EM HISTORIOGRAFIA DA PSICOLOGIA BRASILEIRA

Anderson de Brito Rodrigues

INTRODUÇÃO

Alusões à Psicologia tradicionalmente nos remetem a pensar esse *corpus* de conhecimento tanto como profissão, quanto como fundamento teórico basilar científico. O rompimento com a Filosofia, a busca incessante por um objeto de estudo, fez com que a ciência psicológica se inserisse nos laboratórios, adentrasse as escolas e universidades, ocupasse espaços ao longo dos anos nas indústrias, clínicas, hospitais, dentre outros lugares.

Não é admirável pensar que as primeiras reflexões sobre os conhecimentos psicológicos são constitutivas e constituintes de um determinado momento histórico, estando por isso entrelaçadas às questões sociais e culturais? De certa forma, o sentido da existência de qualquer conhecimento é evidenciado não no aparecimento abrupto, súbito, mas sim *ipso facto* de que o conhecimento é produzido, é produto de relações humanas, e, por isso, expressa as relações contraditórias dentro dessa sociedade, não estando a ciência psicológica imparcial a essa correlação de forças.

Alguns estudos e pesquisas que discorrem tanto sobre o entendimento da História da Psicologia no cenário mundial, quanto a respeito do processo de surgimento e desenvolvimento dessa ciência no contexto

nacional e regional têm contribuído para a compreensão dos saberes e fazeres em Psicologia, assim como colaborado para a compreensão dos espaços nos quais esse conhecimento ocupou lugar de destaque.

Nota-se que as temáticas de estudo abraçadas por alguns autores e autoras no Brasil têm contribuído para o entendimento da história da Psicologia brasileira, o que fomenta o desenvolvimento de novas pesquisas, de novos grupos, de problematizações originais a respeito desse conhecimento e sua inserção histórica no interior de diversas áreas do saber. Decorre desse movimento um aumento no número de publicações de artigos, livros, teses, dissertações que tomam como escopo as problematizações relativas à inserção da Psicologia no contexto brasileiro.

Ao mesmo tempo, ocorre uma expansão dos cursos de Psicologia nas últimas décadas, assim como um significativo aumento dos cursos de pós-graduação tanto em seu nível *lato-sensu* e no nível *stricto-sensu*. Estes acontecimentos evidenciam a força que esta ciência assume perante o entendimento e esclarecimento de eventos que transcorrem em nosso cotidiano. Demonstram também o desejo, a vontade, a curiosidade do ser humano, a aspiração do estudante rumo a novas e velhas descobertas, a novos e antigos caminhos, direções distintas e distantes, as quais contribuem para o processo de desvelamento do conhecimento psicológico e a compreensão da história da Psicologia enquanto ciência e profissão.

Parte-se do pressuposto de que a história é movimento. Para Marx e Engels (1986, p. 27), “o primeiro pressuposto de toda história humana é naturalmente a

existência de indivíduos humanos vivos”. Imersos nessa sociedade, os seres humanos produzem seus modos de vida e sua própria subjetivação.

As escolhas, as preferências por objetos, problemas de pesquisa e métodos distintos denotam a impossibilidade de um conhecimento neutro, ingênuo, imparcial. O recorte de uma determinada problemática de pesquisa, como, por exemplo, as contribuições da Psicologia para o movimento educacional brasileiro na primeira metade do século XX, em detrimento a outras possibilidades é expressão desta opção, é um anúncio da própria escolha.

O propósito deste escrito é apresentar uma experiência de ensino de História da Psicologia no Brasil. Trata-se de descrever o percurso de uma disciplina que tem sido ofertada de maneira regular no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás (UFG).

O Programa de Pós-Graduação de Psicologia em nível *stricto-sensu* foi criado no ano de 2014 e destaca-se como o primeiro programa de Psicologia criado em uma instituição pública no estado de Goiás. Em um sentido amplo procura contribuir para a produção do conhecimento psicológico em suas distintas manifestações.

A área de concentração do curso é a Psicologia, sendo que esta, de acordo com o regulamento, “focaliza estudos e pesquisas sobre suas bases históricas e epistemológicas e processos psicossociais e educacionais. Pelo estudo tanto de fenômenos psicológicos quanto da constituição da Psicologia como ciência e profissão, o programa aborda a subjetividade em sua complexidade

e historicidade, sem cindir, em polos opostos, o individual e o social” (PPGP, 2023).

O Programa de Pós-Graduação em Psicologia possui duas linhas de pesquisa, quais sejam: 1) Processos Psicossociais e Educacionais, que tomam como objeto “pesquisas sobre as relações do indivíduo com o trabalho, a cultura, as instituições sociais, assim como a relação entre educação e a formação do indivíduo. Estudo e análise crítica de processos psicossociais e educacionais diversos como: autonomia, violência, autoridade, formação moral do indivíduo e outros”; e 2) Bases Históricas, Teóricas e Políticas da Psicologia, que desenvolve “pesquisas sobre o processo histórico de constituição da Psicologia como campo de saberes e práticas considerando, sobretudo, aspectos sociais, culturais e políticos nos quais se desenvolve” (PPGP, 2023).

As disciplinas do referido Programa de Pós-Graduação são caracterizadas em obrigatórias, obrigatórias de linha e eletivas. No leque de obrigatórias, são ofertadas as disciplinas de *Pesquisa e Métodos em Psicologia*, *Psicologia e Docência Universitária*, e *Seminários Avançados - Grupo de Pesquisa*. As disciplinas obrigatórias de linha são: *Epistemologia e Psicologia* e *Processos Psicossociais e Educacionais*. Além destas disciplinas, são ofertados aos estudantes diversos componentes curriculares eletivos. Dentre esses componentes cabe destacar a disciplina de *Historiografia da Psicologia Brasileira*, objeto de discussão neste trabalho.

Esta disciplina tem sido ofertada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) desde seu início.

Pode ser cursada por estudantes do PPGP, assim como estudantes de outros Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* da UFG, ou ainda acadêmicos de outras instituições de pós-graduação *stricto sensu* que tenham cursos recomendados pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Também pode cursar o componente curricular o portador de diploma de graduação de instituições autorizadas e reconhecidas pelo Ministério da Educação.

Comumente a disciplina é cursada pelos pós-graduandos no primeiro ou segundo semestre do primeiro ano do curso, embora possa o estudante matricular-se na disciplina no segundo ano. Possui uma carga horária de 128 horas-aula, das quais 64 horas são ministradas de forma presencial e o restante destinadas a estudos relativos à disciplina.

CONSTRUINDO OS SABERES SOBRE A HISTÓRIA E A HISTORIOGRAFIA DA PSICOLOGIA BRASILEIRA: UM RELATO DA EXPERIÊNCIA DE ENSINO

O trabalho envolvido na organização de uma disciplina inicia-se anteriormente a oferta do componente curricular aos estudantes. O planejamento envolve um arranjo temporal, uma elaboração teórico-didática na qual está contemplada a preparação dos conteúdos a serem apresentados, a seleção cuidadosa dos textos e materiais audiovisuais, a organização das atividades de campo, a orientação aos estudantes, o planejamento das aulas e das atividades avaliativas.

O primeiro dia de aula é significativo para o estabelecimento de uma relação pedagógica exitosa. Em sala o professor se apresenta. Expõe uma charge de

Francesco Tonucci (2003) a respeito do primeiro contato de uma criança com o espaço escolar, e convida os estudantes a realizarem uma reflexão sobre seus respectivos processos de escolarização.



(1979) Conhecer-se para estar bem juntos

Fonte: TONUCCI, Francesco. *Com olhos de criança*. Porto Alegre: ARTMED, 2003.

Lentamente os acadêmicos se apresentam. Alguns são parcimoniosos, dizem o nome e expõem sua formação. Outros vão além: tecem comentários sobre a

charge e sua própria vida; explanam seus desejos e expectativas acerca do mestrado e da disciplina de *Historiografia da Psicologia Brasileira*; discorrem sobre suas atividades acadêmicas e profissionais presentes e pretéritas. Posteriormente, o docente se apresenta. Narra seu percurso acadêmico, sua formação, suas escolhas, seus objetos, suas problemáticas de pesquisa, suas expectativas com relação à disciplina.

Em sua maioria, os estudantes que cursam esta disciplina têm sua formação inicial no curso de Psicologia, todavia alguns possuem outra formação inicial como Pedagogia, Filosofia, Relações Internacionais, Educação Física e Serviço Social, entre outras. Os acadêmicos, em geral, ou são, recém-egressos dos cursos de graduação, alguns com trajetórias de Iniciação Científica em seus respectivos cursos, ou são profissionais inseridos em espaços públicos e privados, que de certa forma, retornam à universidade buscando uma formação crítica. Ambos, procuram na disciplina uma possibilidade de conhecimento sobre o processo de surgimento e desenvolvimento do conhecimento psicológico e da Psicologia no contexto brasileiro, buscam ainda estabelecer relações entre os conteúdos discutidos no componente curricular e seus respectivos temas de pesquisa.

O programa de curso é apresentado aos estudantes. É exposta a ementa, os objetivos, os conteúdos, a metodologia, os critérios de avaliação e as referências bibliográficas. Em um sentido amplo, a ementa contempla o estudo dos aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa historiográfica em Psicologia, considerando o processo de surgimento dos saberes

psicológicos no Brasil, o desenvolvimento da ciência psicológica e seu processo de institucionalização no ensino superior, sua regulamentação como profissão e suas proposições no cenário atual. A ementa está articulada com a área de concentração do curso e as linhas de pesquisa do PPGP, em especial a linha de *Bases Históricas, Teóricas e Políticas da Psicologia*.

A justificativa para a apresentação desta experiência, ocorrida na disciplina referida, encontra amparo no próprio movimento de entendimento da História da Psicologia no Brasil em suas mais variadas versões. Percebe-se esta inquietação perante o processo de preservação da memória da história da Psicologia nos dizeres de Massimi (1990). Esta autora assevera que é farta a documentação histórica relacionada à Psicologia brasileira, sendo encontrada em arquivos, centros de documentação, revistas, livros e, ainda, podendo considerar as narrativas de personagens que colaboraram enormemente para o entendimento e escritura desta história. Massimi assinala que esta empreitada deve ser desenvolvida em todo o país, uma vez que contribuiria para a compreensão crítica de nossa própria história. Destaca ainda que:

[...] esse trabalho, de grandes dimensões, poderá ser desenvolvido de forma mais fácil, sistemática e eficaz, na medida em que a preocupação com a memória da Psicologia tornar-se uma característica difundida nos vários centros de pesquisa, didática e intervenção que constituem a estrutura dessa ciência no país. Por isso, qualquer tentativa de preservação, coleta ou indagação crítica, relativa a áreas ou âmbitos específicos da Psicologia brasileira representa uma contribuição fundamental (MASSIMI, 1990, p. 75-76).

A realização de estudos e de pesquisas que tomem como objeto a história política e social da Psicologia em suas distintas versões é uma forma de contribuição à área da Psicologia, assim como de nossa própria história. Esta sustentação é confirmada nos escritos de Maria Helena Souza Patto (2005). Esta autora afirma que “escrever a História da Psicologia no Brasil é contribuir para a própria historiografia do Brasil. Noutras palavras, não se pode escrever a História da Psicologia no Brasil sem levar em conta sua história econômica, social e política” (PATTO, 2005, p. 117).

A oferta da disciplina configura-se como uma proposta, dentre outras que foram ou estão sendo desenvolvidas no Brasil, e que tem como objetivo expor tanto à comunidade acadêmica quanto às pessoas que possam interessar-se por esta discussão, que a Psicologia no Brasil tem história e que este componente curricular está presente nos cursos de graduação e pós-graduação no país. A criação de uma disciplina como esta, em um Programa de pós-graduação em Psicologia, na região Centro-Oeste, mais especificamente na cidade de Goiânia, no estado de Goiás, representa a materialização de uma discussão que outrora estava circunscrita às regiões Sudeste, Sul e alguns estados da região Nordeste e Norte.

A presença deste componente curricular denota uma preocupação com a Psicologia em âmbito nacional e regional. A exposição desta discussão possibilita ao autor do texto refletir sobre momentos anteriores e atuais, discussões não extemporâneas, problematizações pretéritas que emergem no estado presente e trazem à

tona os caminhos percorridos, as escolhas realizadas, os lugares visitados e as saudosas memórias.

A disciplina de *Historiografia da Psicologia Brasileira* é ministrada semanalmente, tendo uma carga horária de 4 horas-aula. O componente curricular tem como alvo problematizar o caráter essencialmente social do conhecimento. Possui como objetivos principais propiciar aos estudantes uma compreensão dos aspectos históricos, teóricos e metodológicos envolvidos na pesquisa historiográfica, assim como entender o processo de surgimento e desenvolvimento do conhecimento psicológico e da ciência psicológica no Brasil, caracterizando a presença da Psicologia no interior do espaço universitário, a regulamentação da profissão de psicólogo, e ainda discutindo a presença desta ciência em nosso cenário atual.

Para o enfrentamento dos respectivos objetivos, a organização em conteúdos programáticos é fundamental. Os temas presentes na disciplina não devem ser compreendidos como assuntos limitados, noções restritas, não almejando contribuir para a sustentação de práticas não-democráticas, autoritárias, que canceladas por pretensos modelos científicos, tradicionalmente, colaboram para a padronização, para o encobrimento, para o obscurecimento.

Os conteúdos relativos à disciplina são divididos em 5 eixos temáticos. O primeiro tem como problemática central a discussão sobre algumas concepções de História na contemporaneidade, assim como o entendimento de diversas possibilidades de modelos teóricos e metodológicos no campo da Historiografia da Psicologia. As interlocuções com os escritos de Massimi (1990, 1998),

342

Jacó-Vilela (2012), Patto (2005), e Hobsbawm (2002) contribuem para o desvelamento de tais questões. Maria Helena Souza Patto, por exemplo, demarca, em seu texto intitulado *Para escrever a história da Psicologia: resumo de uma experiência*, a relevância da teoria marxista para a compreensão de determinada maneira de escrever a história. Contrapondo-se à historiografia positivista assevera de maneira decisiva o entendimento da história para a formação de psicólogos críticos em nosso país.

Uma referência importante para os estudos da História da Psicologia no Brasil são as pesquisas realizadas por Marina Massimi. Estabelecendo um diálogo com a História Cultural, essa autora tem contribuído para o entendimento de temáticas sobre a História dos Saberes Psicológicos no campo da cultura luso-brasileira entre os séculos XVI e XIX, as ideias psicológicas presentes nos escritos dos jesuítas nos séculos XVI e XVII, e ainda a perspectiva aristotélico-tomista na Psicologia brasileira do século XX. Esta autora traz uma questão fundamental para a compreensão deste eixo temático: o que é a historiografia das ideias psicológicas? No enfrentamento desta problemática, discorre sobre o método, o problema, o tema, as fontes de pesquisa, a interpretação dos documentos e, por fim, a escrita da história. Massimi (1998, p. 11) considera a abordagem histórica afirmando que a “dimensão histórica pertence à natureza mais profunda da investigação psicológica: ela não se restringe apenas à tarefa do historiador da Psicologia, mas antes de mais nada trata de reconhecer que o próprio objeto da Psicologia tem uma inalienável dimensão histórica”.

O segundo eixo se propõe a compreender a presença de saberes psicológicos no contexto brasileiro e goiano e suas relações com a cultura. Os estudos de Marina Massimi (1990, 1998) e as narrativas de viagens de Auguste de Saint-Hilaire (1975) e Johann Emanuel Pohl (1976) colaboram para o entendimento desta questão. Neste momento da disciplina, os estudantes, por diversas vezes, expressam o desconhecimento da História da Psicologia no Brasil, relatam que nas disciplinas iniciais dos cursos de graduação em Psicologia incorre-se na apresentação e discussão desta ciência enfatizando a abordagem europeia e estadunidense. Os acadêmicos surpreendem-se quando é tomado como cerne da discussão na disciplina a problematização, realizada por Marina Massimi, a respeito da presença dos saberes psicológicos entre os povos originários no período colonial. Acerca destes saberes, Massimi (1998, p. 12), afirma que eles se ocupam

[...] daqueles aspectos específicos da 'visão do mundo' de uma determinada cultura, relacionados a conceitos e práticas que na atualidade podem ser genericamente entendidas como *psicológicas*. A definição do que é *psicológico*, nesse caso, deve permanecer necessariamente indeterminada e vaga, quase como denominação convencional e provisória a ser substituída no decorrer da pesquisa pela terminologia e demarcação de campo próprias aos específicos universos socioculturais estudados (grifos no original).

Menções a assuntos de natureza psicológica podem ser localizadas em escritos do período colonial. Na obra *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, Cardim (1925) afirma que as crianças indígenas são respeitadas e que vivenciam diversas brincadeiras, como, por

exemplo, as relacionadas à imitação de diversos animais. Este autor assevera ainda que os indígenas amam suas crias e que não utilizam nenhum recurso punitivo na educação delas:

Amão os filhos extraordinariamente, e trazem-nos mettidos nuns pedaços de rede que chamão typoia e os levão às roças e a todo *gênero* de serviço, às costas, por frios e calmas, e trazem-nos como ciganos, escarranchados no quadril, e não lhes dão nenhum gênero de castigo (CARDIM, 1925, p. 170)⁵⁴.

Ao tomar como objeto de pesquisa as obras de missionários e viajantes do período colonial, Massimi (1990) localizou nesses documentos citações relativas ao parto, ao ato de amamentação e ainda às relações sociais estabelecidas entre os indígenas e suas crianças, o que permite afirmar a atenção e amor que eles dedicavam a suas crias.

As narrativas dos viajantes Saint-Hilaire e Pohl são também ilustrativas de como os saberes psicológicos estiveram presentes no cenário brasileiro e goiano. Os estudantes entusiasmam-se ao entrar em contato com tais obras e verificarem a presença dos saberes psicológicos em solo goiano. A citação a seguir de Pohl demonstra como a etnia dos Xavantes era habilidosa:

⁵⁴ Optou-se por preservar a grafia original presente nas fontes documentais transcritas neste texto.

É notável a habilidade com que fazem objetos e utensílios; são muito admirados os seus bastões, cestas, trombetas, pilões de pau, etc. Eu próprio vi, em casa de Moreira, um desses pilões, de 70 centímetros de altura e quase o mesmo diâmetro, tão bem polido e trabalhado que nenhum torneiro o faria melhor (POHL, 1976, p. 249).

O terceiro eixo discute as origens da Psicologia no contexto brasileiro. Destaca-se aqui como o campo da Medicina e da Educação foram fundamentais para o desenvolvimento desta ciência no Brasil. As problematizações realizadas nesta etapa discorrem sobre a importância das Faculdades de Medicina para o estabelecimento dos saberes psicológicos e da Psicologia no contexto brasileiro. Discute ainda como o campo educacional, representado principalmente pela Escola Normal, foi um terreno fértil para o desenvolvimento da Psicologia nos séculos XIX e XX.

As pesquisas desenvolvidas por Nádia Rocha (2000), Maria Lúcia Boarini (2012) e Lília Schwarcz (2001) colaboram para o entendimento neste componente curricular da história dos saberes psicológicos e suas articulações com o campo médico. Schwarcz (2001), por exemplo, ao discorrer a respeito da carreira médica no Brasil, no início do século XIX, afirma que esta era carregada de dificuldades, sendo escassa a literatura que versava sobre esta temática, assim como existia uma carência de formação de profissionais. Assevera ainda que somente em 1808 surgiram as primeiras academias médico-cirúrgicas no Brasil, fato este ocorrido pela vinda da Família Real portuguesa ao território brasileiro. Anteriormente a essa ocasião, esta autora afirma que “‘práticos’ e ‘proto-médicos’ não

passavam, por sua vez, de simples iniciantes, geralmente mestiços, analfabetos e cuja atuação não levava a qualquer posição de maior prestígio social. Constituíam pequena minoria no meio da multidão de curandeiros, parteiras, boticários, dentistas e sangradores que abundavam em vista da carência absoluta de médicos e cirurgiões” (pp. 192-193).

A partir de 1832, as academias médico-cirúrgicas foram transformadas em Escolas ou Faculdades de Medicina. Estes espaços foram cruciais para a formação dos primeiros médicos no Brasil. A propagação das ideias psicológicas no país aconteceu em grande parte pela contribuição das Faculdades de Medicina, nas quais os estudantes produziam teses sobre Neurologia, Medicina Social, Psicofisiologia, Higiene Mental. Essas teses são, de acordo com Jacó-Vilela (2012):

[...] resultado de um processo de ensino e, ao mesmo tempo, fator de difusão do novo conhecimento psicológico. Não à toa, são investigadas até hoje, não só por pesquisadores da Psicologia como também por pesquisadores de outras áreas, como Educação, Educação Física, Arquitetura, Nutrição, além da própria Medicina. São elas, sem dúvida, que criam, em solo brasileiro, o hábito de produção de textos, que, muitas vezes, são ambivalentes e contraditórios, mas constituem uma forma própria de se apropriar daquele bando de ideias que vêm ferver em um país agrário, de matriz conservadora, escravagista, religioso, defensor da hierarquia entre os homens e da superioridade da raça branca. É necessário conciliar contrários, e os médicos se encarregam de sanear a nação com tais conhecimentos (JACO-VILELA, 2012, p. 34).

Com relação à presença da Psicologia nas instituições médicas, Patto (2005), destaca a atuação da Psicologia na Liga Brasileira de Higiene Mental:

[...] psiquiatras começaram a incentivar a Liga a valer-se das 'competências em Psicologia' já existentes no país, louvadas não só pelos recursos psicotécnicos de que dispunham, mas pela posse de instrumento imprescindível à luta em defesa da higiene psíquica: a *psychoterapia*, entendida como 'tratamento moral' para 'dominar as comoções, subjugar as paixões, vencer os ímpetos e educar a vontade'. Foi assim que a Psicologia foi sendo convocada pelos médicos para atuar nos hospícios, nas prisões e nos estabelecimentos educativos, escolares ou não (PATTO, 2005, p. 133, grifos no original).

Em relação ao conhecimento que circulava no Estado, Rodrigues (2007) afirma que a produção e difusão do saber médico em Goiás considerava o que estava posto em âmbito nacional. É possível dizer que estes saberes

[...] foram importantes para o processo de criação de um novo tipo de indivíduo necessário à reprodução da sociedade capitalista no Estado. A Medicina alia-se ao Estado no que diz respeito ao controle individual ou coletivo, sendo portadora de saberes reguladores orientados para a produção de um conhecimento científico acerca da sociedade. Os saberes médicos no século XIX foram balizadores de uma política social de eugenia e higienização, que, no início do século XX, tem na Psicologia nascente poderosa aliada (RODRIGUES, 2007, p. 109).

Destaca-se também neste eixo curricular as interlocuções com o campo educacional. Os diálogos com Gondra (2003), Jacó-Vilela (2012), Pessotti (2004a, 2004b), Lourenço Filho (2002, 2004a, 2004b) e Patto (2005) oferecem subsídios para a compreensão da História da Psicologia no Brasil e seu desenvolvimento no campo educacional. A Educação colaborou para a organização e institucionalização dos conhecimentos sobre os aspectos psíquicos, especialmente pela oferta,

348

nas Escolas Normais, de cursos de formação de professores. Os conhecimentos psicológicos estavam ainda inseridos nos currículos das escolas, dos colégios, das faculdades e em espaços de formação religiosa.

Ao discorrer sobre as relações entre Medicina, Higiene e Educação Escolar, Gondra (2003) afirma que, no movimento de ampliação do saber médico no Brasil, a escola e a educação ocuparam um lugar de destaque, uma vez que para formar novos indivíduos, seria necessário interferir não apenas no espaço público escolar, mas também no espaço privado, a casa.

Desta forma, a Educação teria um importante papel para a normatização da vida social e formação de um indivíduo adequado ao modelo de sociedade que estava surgindo. O contexto que se apresentava em Goiás e no Brasil no século XIX sinalizava um novo ordenamento social fundamentado na sanitização e purificação dos espaços públicos e sociais. A Psicologia, de mãos dadas com a escola e a educação, contribuiria para a inculcação de novos hábitos, novos costumes e instituição de novos comportamentos.

Espaço educacional importante para o desenvolvimento do conhecimento psicológico no contexto brasileiro foi o *Pedagogium*. Criado como museu pedagógico, em 1890, no Rio de Janeiro abrigou aquele que é compreendido como o primeiro laboratório de Psicologia Experimental no Brasil. Ao mesmo tempo a Psicologia vai ganhando um maior espaço nos cursos de formação de professores. Como expressão deste movimento podemos verificar, a partir dos anos 1920, a presença das ideias renovadoras na cena brasileira e goiana. Rodrigues (2007) afirma que:

[...] para atender aos interesses dos dirigentes em Goiás, as dualidades existentes entre a Escola Nova e o processo de exclusão social operado pelo sistema de ensino não foram impeditivos para a proposição de um projeto educacional alicerçado sob as bases do escolanovismo. A Psicologia encontrou nas escolas normais um espaço importante para seu surgimento e desenvolvimento, seja pela divulgação de ideias, seja pela aplicação de seus conhecimentos, e, sobretudo, pela formação de professores que atuariam junto à educação de crianças. Assim, pode-se dizer que as escolas normais foram espaços importantes de inserção do ideário psicológico no Estado, especialmente, pela adoção da “Escola Nova”, como novo modelo educacional necessário à formação do “homem novo” demandado pelo projeto de modernização da sociedade e da cultura goiana e brasileira (RODRIGUES, 2007, p. 210).

Esta renovação de métodos e processos ocorria paralelamente ao discurso segregacionista e higiênico-sanitarista. Percebe-se em alguns documentos que discorrem sobre a educação pública goiana que a matrícula era vetada às crianças que tivessem moléstias, defeitos orgânicos e ainda as que não estivessem vacinadas. Por esta assertiva, pode-se afirmar que as políticas educacionais vigentes não atendiam os princípios de universalização da educação.

O quarto eixo propõe-se a compreender como se deu o processo de institucionalização da Psicologia no espaço universitário e sua regulamentação como profissão. Neste eixo, é estabelecido um diálogo com Jacó-Vilela (2012), Antunes (2004, 2012), Pessotti (2004a, 2004b), Lourenço Filho (2002, 2004a, 2004b). Estes contribuem para o entendimento da inserção da Psicologia como disciplina no contexto universitário. Tais autores auxiliam no movimento de compreensão do lugar de destaque que Psicologia foi ocupando. Sobre esse

período, Jacó-Vilela (2012) ao discorrer sobre o processo de institucionalização da Psicologia afirma que, nos 1950:

Está pronto o terreno para que, com cursos recém-criados e com profissionais que atuam no campo, que se intitulam psicólogos, se filiam a associações de Psicologia, escrevem para periódicos de Psicologia, surja o movimento para a regulamentação da profissão e dos cursos. Não é um processo fácil. Cheio de idas e vindas, tem como disparador o pré-projeto de currículo elaborado pela Associação Brasileira de Psicotécnica e publicado nos Arquivos Brasileiros de Psicotécnica em 1954. Rechaçado pela cátedra de Psicologia da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, ocupada por Nilton Campos, bem como pela Sociedade Paulista de Psicologia, devemos reconhecer que propicia as discussões que levam ao projeto finalmente aprovado em 27 de agosto de 1962 como Lei nº 4.119 (JACÓ-VILELA, 2012, p. 38).

Os estudantes também têm a oportunidade neste componente curricular de se debruçarem sobre os dispositivos legais que contribuíram para o reconhecimento da profissão de psicólogo. Eles entusiasmam-se com esta discussão, com as considerações tecidas por Jacó-Vilela (2012), ao discorrer sobre a História da Psicologia no cenário brasileiro contada através de seu ensino. Esta problematização dá suporte para a compreensão do quinto eixo desenvolvido na disciplina, o qual tem como propósito discutir a situação da Psicologia no tempo presente. Contribuem para este debate as provocações trazidas por Yamamoto (2012) e Furtado (2012).

OS FAZERES E AS APRENDIZAGENS NA HISTÓRIA PARTILHADA: AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DE ENSINO

Do ponto de vista metodológico, a disciplina é ministrada essencialmente por meio do estudo e discussão dos textos. A leitura *a priori* do material é uma parte importante da disciplina, uma vez que possibilita ao estudante o contato original com o texto, instiga sua curiosidade e seu desejo. Procura-se dialogar cotidianamente com os acadêmicos sobre o valor da leitura, do rigor, da demarcação do tempo, da importância das anotações, das dúvidas e dos questionamentos. Colabora com esta aventura as proposições de C. Wright Mills (1969) a respeito do artesanato intelectual. Este autor assinala a importância de adquirir o hábito de tomar notas:

O primeiro passo na tradução da experiência, seja a dos escritos de outros homens, ou de nossa própria vida, na esfera intelectual, é dar-lhe forma. Dar, simplesmente, nome a uma experiência nos convida a explicá-la: a simples tomada de nota de um livro é quase sempre um estímulo à reflexão. Ao mesmo tempo, essa nota é uma grande ajuda para compreendermos o que lemos (MILLS, 1969, p. 215).

Nesta discussão, apresenta-se o texto, o livro, o manuscrito, o documento como possibilidade de uma viagem rumo a novos horizontes, tempos passados e presente inimagináveis. Por diversas vezes, os estudantes entusiasmam-se com os debates em sala de aula. Alguns assumem o protagonismo da discussão, levantam questões, realizam considerações, explanam dúvidas,

outros, timidamente observam as problematizações, aos poucos inserem-se como interlocutores.

Os estudantes são avaliados de maneira processual. Configuram como etapas fundamentais: as participações nas discussões, a apresentação dos seminários, avaliação escrita e ainda o trabalho final, o qual deve considerar o seu objeto de pesquisa e as possíveis interlocuções com temas explorados ao longo da disciplina.

Com relação aos seminários, há a proposição por parte do docente da disciplina de conteúdos temáticos que serão discutidos ao longo do semestre. Estes são apresentados aos acadêmicos, os quais apresentam em dupla um tema escolhido. Para a realização de tal empreitada a dupla de estudantes deve considerar um *roteiro de análise e apresentação de trabalhos*.

Este roteiro possibilita ao estudante uma espécie de fichamento do texto que pode ser separado em duas etapas. Em um primeiro momento permite uma análise crítica externa. Neste, é apresentada a identificação da obra objeto de análise do seminário, assim como dados a respeito da vida e obra do autor (data de nascimento, formação, temas de investigação, produção intelectual). Estes subsídios podem ser obtidos no próprio manuscrito, ou ainda através de acessos a outras fontes escritas ou mídias digitais. Como exemplo, pode-se situar as informações presentes no Currículo *Lattes*. O segundo momento é composto por uma crítica interna. Para a realização desta etapa, é crucial a leitura da obra. Os estudantes devem apresentar um texto que explore as partes fundamentais da obra. São expostos nesse momento dados sobre o recorte temporal; as fontes de

pesquisa (bibliográficas, iconográficas, registros orais); a linha historiográfica da obra (marxismo, positivismo, fenomenologia); as principais categorias de análise utilizadas pelo autor; os principais conceitos desenvolvidos no texto; os autores basilares presentes no texto; e as teses defendidas pelo autor.

Esta atividade ocupa um longo período da disciplina e tem como propósito verificar a capacidade que os estudantes têm de compreensão das questões essenciais do texto. Na exposição em sala de aula, a dupla assume o protagonismo da empreitada, apresentam os pontos centrais, explanam suas dúvidas, provocam os outros acadêmicos a participarem da discussão e experienciam a docência. Encerrada a apresentação, conversa-se com a dupla e aponta-se os pontos que se destacaram na exposição, sinaliza-se possíveis fragilidades, compreendendo a avaliação como uma etapa processual sempre é valorizada a produção dos estudantes.

Quanto à avaliação escrita, esta tem como objetivo verificar a capacidade de argumentação, de análise e de síntese. Esta atividade é realizada entre o meio do curso e sua parte final, e considera as obras discutidas na disciplina. Nesta ocasião, são expostos todos os textos problematizados e os estudantes escolhem através de uma votação os 2 escritos que gostariam que estivessem presentes na avaliação. Após a realização desta etapa, o docente da disciplina escolhe outros 2 textos que se somarão aos indicados pelos acadêmicos. Esse conjunto de 4 textos subsidiará a discussão da avaliação futura. Esta é apresentada em forma de carta, na qual constam argumentações a

354

respeito dos conteúdos debatidos em sala de aula, assim como estão presentes algumas questões fundamentais, que devem ser respondidas pelos estudantes também no formato de carta. Eles devem enfrentar os pontos principais, respondendo as problematizações, assinando o documento e remetendo-a à personagem que se apresenta como interlocutora.

Muitos estudantes se surpreendem com tal modelo avaliativo. Alguns relatam que nunca escreveram uma carta. Por algumas vezes, não inserem o destinatário, por outras não assinam o manuscrito. Na correção da atividade é considerada a utilização do recurso linguístico correto, a clareza e organização do texto, bem como o enfrentamento das questões apresentadas. Apontamentos são inseridos pelo docente ao longo do manuscrito, os quais poderão subsidiar análises futuras.

Um momento bastante esperado na disciplina diz respeito às visitas em bibliotecas, museus, arquivos e centros de documentação. Estes espaços inserem-se como guardiões da história e da memória documental do Brasil e de Goiás. Consequentemente, encontramos nestes locais, uma vasta documentação a respeito da História da Psicologia em Goiás. Muitos destes lugares estão localizados geograficamente no coração de Goiânia e, neles, podemos encontrar documentos oficiais, relatórios de governo, narrativas de viagens, livros, anais, jornais, revistas, dissertações, teses, relatórios da instrução pública, materiais e objetos iconográficos. A visita a estes espaços geralmente acontece em dois dias.

Previamente às visitas, os acadêmicos já tiveram contato com textos que problematizam a História da Psicologia no Brasil e em Goiás. A ida a estes espaços

possibilita a visualização da documentação *in loco*, permitindo ao estudante manipular, por exemplo, um escrito do século XIX ou ainda verificar alguns dos processos envolvidos no cotidiano de um arquivo: encadernação, tratamento do acervo, higienização, catalogação, reparação, preservação das fontes, que envolve a microfilmagem, a digitalização e, até mesmo, reparos manuais na documentação.

Estabelecido desde 1946, em um prédio *art déco*, situado no interior da Praça Cívica no centro de Goiânia, o Museu Zoroastro Artiaga apresenta a diversidade do patrimônio material e imaterial de Goiás. Nele, os estudantes têm a oportunidade de conhecer aspectos sobre a História de Goiás, seus habitantes, seus costumes, a cultura popular, a arte sacra, a imprensa goiana, dentre outros aspectos.

Criado em 1987, o Museu Pedro Ludovico está situado no centro da capital na antiga residência de Pedro Ludovico, o idealizador de Goiânia e responsável pela transferência da capital na década de 1930. O museu integra o conjunto de prédios em estilo *art déco* localizados na cidade e seu acervo é composto por objetos pessoais de sua família, assim como documentos diversos, livros, e fotografias que contribuem para o entendimento da história de Goiás.

Espaços fundamentais para o encontro de documentos que permitem entender a história da Psicologia no Estado de Goiás são o Arquivo Histórico Estadual de Goiás e também o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG). Localizado na Praça Cívica, o acervo do Arquivo Histórico é guardião de documentos antigos de Goiás. Neste local, encontramos regulamentos

da Instrução Pública goiana, leis, decretos, jornais, como o Correio Oficial, relatórios de governo, periódicos como a *Revista Oeste* e a *Revista de Educação*. Por sua vez, situado na rua 82, nos arredores da Praça Cívica, o IHGG abriga uma diversidade de documentos, dentre os quais pode-se elencar cartas, jornais, revistas e ainda algumas publicações digitais.

Nestes arquivos, os estudantes têm a oportunidade de compreenderem a nossa própria história. Quando percorrermos estes espaços eles relatam o desconhecimento destes locais, afirmam que por algumas vezes transitaram no interior da praça, mas que não tiveram informações a respeito de sua existência ou funcionamento.

No que concerne à História da Psicologia em Goiás, o acervo existente possibilita ao acadêmico compreender através de uma vasta documentação relativa aos séculos XVIII, XIX e XX os hábitos, os costumes, os comportamentos, as aptidões da população, as relações sociais e as crenças do povo goiano.

Quando adentram estes espaços, os acadêmicos demonstram surpresa e admiração. Os funcionários responsáveis pela apresentação e conservação destes lugares recebem o grupo de estudantes de modo solícito e atencioso. Revelam os bastidores, mostram os manuscritos, contam histórias sobre a documentação disponível. Estas narrativas contribuem tanto para o entendimento da importância da existência de locais que preservam essa história, quanto para a compreensão da documentação exposta.

Os estudantes revelam-se curiosos e espontâneos. Eles fazem perguntas, indagam sobre o tipo de

documentação existente, interrogam os funcionários a respeito de “qual seria o documento mais antigo presente no acervo”, ou ainda “que espécie de documentação sobre a Psicologia é encontrada”. Os servidores respondem as questões de maneira atenciosa.

No acervo do Arquivo Histórico Estadual está presente o Correio Oficial. Em várias edições deste jornal, pode-se encontrar exposições a respeito da regulamentação educacional pública goiana. No Correio Oficial número 28, está transcrita a Lei nº 397, de 21 de julho de 1911, que dentre alguns propósitos discorre sobre a regulamentação do Liceu Goiano e insere a disciplina de *Psicologia e Lógica* em seu currículo. A Psicologia deveria compreender

[...] o estudo dos phenomenos do espirito e das leis e causas immediatas desses phenomenos” [...]. A Lógica, “no seu dominio real e formal, restringir-se-á ao estudo elementar da marcha effectiva da intelligencia humana no descobrimento, demonstração e transmissão da verdade, e às leis inyariaveis que regem os phenomenos intellectuaes” (GOIÁS, 1911, p. 1).

Esta passagem demonstra o caminho percorrido pela Psicologia no território goiano. Representada neste trecho pelo Liceu Goiano, a Educação foi um espaço fundamental para o desenvolvimento e consolidação desta ciência nesse solo. Outro local foi a Escola Normal, espaço educacional no qual a presença da Psicologia pode ser verificada a partir de 1884, momento no qual foram incluídos os princípios de Psicologia nos currículos de formação de professores na Escola Normal Oficial. Conforme afirma Rodrigues (2007), a partir deste momento a Psicologia:

[...] logrou espaço nos currículos propostos pelas políticas educacionais e seus conhecimentos começaram a ter maior importância no que se refere à forma de perceber a criança em seu processo de formação. Passou, aos poucos, de princípios de Psicologia no currículo da disciplina Pedagogia, e foi gradativamente autonomizando-se até ocupar parte significativa da carga horária dos cursos de formação docente. A partir da década de 1940, os conhecimentos psicológicos continuam presentes nos currículos de formação de educadores, apresentando-se sob a denominação de diferentes disciplinas, tais como, Psicologia do pré-escolar; Psicologia das matérias de ensino; Psicologia do adolescente e do adulto; Psicologia do desenho infantil; Psicologia da música e do canto e Psicologia Educacional (noções de Psicologia da infância e fundamentos psicológicos da educação) (RODRIGUES, 2007, p. 209).

Nestes arquivos, podemos encontrar exemplares da *Revista Oeste*, periódico publicado entre os anos de 1942 e 1944, que se configura como veículo importante para a disseminação da cultura e propagação da ideologia do Estado Novo. Nesta revista, existe uma seção de Política Educacional na qual são apresentados relatos de experiências de professores, assim como expostas discussões sobre teorias educacionais e processos pedagógicos. Em suas páginas, encontram-se escritos de protagonistas da Psicologia em Goiás.

No Arquivo Histórico Estadual, o professor da disciplina *de Historiografia da Psicologia Brasileira* dialoga com uma servidora do acervo e solicita que mostre a revista. A interlocutora caminha em direção à outra sala e de modo súbito surge com o exemplar. Carrega consigo uma edição especial, uma produção com todos os 23 fascículos publicados no período de julho de 1942 a dezembro de 1944. Um grupo de estudantes observa atentamente este exemplar. Alguns perguntam

se podem tocá-lo, manuseá-lo. A partir da resposta afirmativa lançam-se sobre ele. Os mais curiosos folheiam, admiram, experimentam sensações olfativas e sensitivas. Tecem comentários sobre as marcas no documento, a espessura do papel, a fragilidade no manuseio e o conteúdo dos artigos. O docente solicita a abertura da revista na página 878, afirmando que nela se encontra um artigo de Floracy Artiaga Mendes, professora de Pedagogia e Psicologia na Escola Normal Oficial na década de 1940. Defensora das ideias renovadoras na educação esta docente procurava motivar seus estudantes realizando investigações empíricas. Isso fica evidenciado nesta publicação, em que relata o ânimo das normalistas ao entrarem em contato com as teorias renovadoras:

[...] não perco oportunidade para pregar o Amor ao magistério, fazendo o panegírico mais inflamado, porque sincero, da belíssima carreira imortal de D. João Bosco e Pestalozzi, de Maria Montessori e Decroly [...]. Algumas alunas, ao estudar ou comentar, por exemplo, os Sistemas da Escola Nova em vários países, na França, na Bélgica, na Itália, na Inglaterra, nos Estados Unidos, etc., demonstram espontâneo entusiasmo pela criação de um sistema educacional Brasileiro, Nacional, que seja só nosso, autenticamente nosso. Deixo-me contagiar por êsse entusiasmo idealista e sou, ao lado da classe, um a mais a sonhar... Idolatram Lourenço Filho com o seu apostolado nacionalizador e encontram na referência à Escola Regional de Merity, uma esperança aurifulgente, bem verde-amarela, como a própria flâmula sagrada, 'que a brisa do Brasil beija e baloiça' (OESTE, 1983, p. 878).

Esta passagem ilustra o exercício de interlocução de Floracy Artiaga Mendes com os pressupostos escolanovistas, fundamentados em teóricos como Pestalozzi, Montessori, Decroly e Lourenço Filho e ainda

360

o conhecimento de propostas renovadoras que estavam acontecendo em outros contextos, como é o caso da Escola Regional de Meriti, localizada no Rio de Janeiro. Demonstra também a força que as propostas renovadoras educacionais, alicerçadas na Psicologia, assumiam no cenário goiano na primeira metade do século XX.

Após todo o percurso descrito, os estudantes realizam a entrega do trabalho final da disciplina, no qual produzem um texto, que deve considerar as relações entre a temática da disciplina e a proposta que pretendem desenvolver em sua dissertação. Esta etapa possui momentos distintos.

Nas primeiras aulas do curso, o estudante apresenta de forma sucinta seu objeto de pesquisa. Ao longo do curso, tem a possibilidade de aprofundar as temáticas contempladas na disciplina de *Historiografia da Psicologia Brasileira*, existindo ocasiões em que o acadêmico é orientado pelo docente sobre a realização deste trabalho. Nesse momento, pode expor os autores ou temáticas que se entrelaçam ao seu objeto de pesquisa. Dentre alguns dos objetos que já foram abordados pelos mestrandos em suas pesquisas, pode-se citar: estudos teórico-conceituais em abordagens distintas; ensino e formação de professores em Psicologia; saberes psicológicos no século XIX; História da Psicologia Escolar; História da Infância; Psicologia e Adolescência; História e Historiografia da Psicologia em Goiás; estudos sobre a institucionalização da Psicologia em Goiás.

Findada esta parte, o trabalho final da disciplina é enviado ao docente para que este realize as suas considerações. Nas derradeiras aulas, cada acadêmico

apresenta seu texto, tendo a oportunidade de escutar de outros estudantes e do docente sugestões e indagações.

O último encontro da disciplina é reservado para a realização de uma roda de conversa entre os estudantes e o docente. Neste momento, são expostos os pontos positivos, as sugestões e recomendações para a melhoria do componente curricular. Também é realizada por parte dos estudantes uma autoavaliação, na qual eles têm a oportunidade de discorrer sobre o caminho percorrido, o conhecimento adquirido e as contribuições que a disciplina proporciona tanto para o entendimento do objeto, quanto relacionado à Psicologia como ciência e profissão no Brasil.

O diálogo entre os objetos de pesquisa e as temáticas abordadas na disciplina proporcionaram, em alguns casos, a continuidade do trabalho com a História e a Historiografia da Psicologia, resultando inclusive, por parte dos estudantes, na produção de um videodocumentário sobre a História da Psicologia em Goiás⁵⁵, bem como a escrita e publicação de verbetes⁵⁶ sobre a vida e obra de Amália Hermano Teixeira e Floracy Artiaga Mendes.

A articulação entre a fundamentação teórica e o exercício de compreensão dos distintos fazeres

⁵⁵ CATÃO, A. M. L.; RODRIGUES, A. B.; RODRIGUES, D. J. S.. História da Psicologia em Goiás. 2017. Filme. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zSvk0NVqQYw>

⁵⁶ VALDEZ, D. (Org.). **Dicionário de educadores e educadoras em Goiás: séculos XVIII - XXI**. Goiânia: Imprensa Universitária, 2017. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/ebook_dicionario_educadores.pdf

relacionados à Psicologia ao longo da história brasileira são elementos basilares no cotidiano da disciplina de *Historiografia da Psicologia Brasileira*. O caminho percorrido nos arquivos possibilita aos estudantes materializarem o conhecimento adquirido. A História da Psicologia ensinada e mostrada como acontecimento vivo, eloquente, não cristalizado permite um processo de descoberta, de desvelamento. Ao discorrer sobre a tarefa dos historiadores na sociedade contemporânea, o historiador Eric Hobsbawm (2002) afirma:

A história como inspiração e ideologia tem uma tendência embutida a se tornar mito de autojustificação. Não existe venda para os olhos mais perigosa que esta [...]. É tarefa dos historiadores tentar remover essas vendas, ou pelo menos levantá-las um pouco ou de vez em quando - e, na medida que o fazem podem dizer à sociedade contemporânea algumas coisas das quais ela poderia se beneficiar, ainda que hesite em aprendê-las (HOBSBAWM, 2002, p. 39).

A disciplina tomada em análise contrapõe-se a uma compreensão da história ensinada como celebração, enaltecimento, coisa amorfa, destituída de sentido e significado, pois compreende que essa postura contribui para o obscurecimento, para a manutenção de determinados modos e modelos que com pretensões neutras carregam o germe da padronização, da exclusão, da reprodução da desigualdade.

O conhecimento científico deve possibilitar aos seres humanos que estes se apropriem do conhecimento produzido historicamente, não estando o autor deste escrito e os estudantes envolvidos nesta disciplina imunes a esta questão. Os conteúdos descobertos neste componente curricular procuram desvendar a Psicologia

como ciência e profissão no Brasil. Em seu âmago, há o compromisso com uma formação sólida de pesquisadores, profissionais da Psicologia e de professores, não prescindindo da crítica, da reflexão, da autonomia, da explicitação em seu interior das relações entre os seres humanos, a história e a sociedade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, M. A. M. (2004). História da Psicologia no Brasil: primeiros ensaios. Rio de Janeiro: EdUERJ, Conselho Federal de Psicologia.

ANTUNES, M. A. M. A Psicologia no Brasil: um ensaio sobre suas contradições. Psicologia: Ciência e Profissão, 32 (esp.), 2012, p. 44-65.

BOARINI, M. L. (org.). Higiene mental: ideias que atravessaram o século XX. Maringá: Eduem, 2012.

CARDIM, F. Tratados da Terra e Gente do Brasil. Rio de Janeiro: Livraria João Leite, 1925.

CATÃO, A. M. L.; RODRIGUES, A. B. ; RODRIGUES, D. J. S. . História da Psicologia em Goiás. 2017. Filme. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=zSvk0NVqQYw>

FURTADO, O. 50 anos de Psicologia no Brasil: a construção social de uma profissão. Psicologia: Ciência e Profissão, 32(esp.), 2012, p. 66-85.

GOIÁS. Lei nº 397, de 21 de julho de 1911. Correio Oficial, ano I, nº 25, de 3 de agosto de 1911. Arquivo Histórico Estadual.

GONDRA, J. G. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (orgs.). 500 anos de educação no Brasil. (3ª ed). Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 95-134.

HOBSBAWM, E. J. Sobre história. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

JACÓ-VILELA, A. M. História da Psicologia no Brasil: uma narrativa por meio de seu ensino. Psicologia Ciência e Profissão, 32, 2012, p. 28-43.

LOURENÇO FILHO, Manuel B. Introdução ao estudo da escola nova: bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea. 14. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ; Conselho Federal de Psicologia, 2002.

LOURENÇO FILHO, Manuel B.. A Psicologia no Brasil. In: ANTUNES, Mitsuko A. M. (org.). História da Psicologia no Brasil: primeiros ensaios. Rio de Janeiro: EdUERJ, Conselho Federal de Psicologia, 2004a, p. 71-108.

LOURENÇO FILHO, Manuel B.. A Psicologia no Brasil nos últimos 25 anos. In: ANTUNES, Mitsuko A. M. (org.). História da Psicologia no Brasil: primeiros ensaios. Rio de Janeiro: EdUERJ, Conselho Federal de Psicologia, 2004b, p. 109-119.

MARX, K. ENGELS, F. A ideologia alemã. São Paulo: Hucitec, 1986.

MASSIMI, M. História da Psicologia brasileira: da época colonial até 1934. São Paulo: EPU, 1990.

MASSIMI, Marina. A História das idéias Psicológicas: uma viagem no tempo rumo aos novos mundos. In: ROMANELLI, G., BIASOLI-ALVES, Z. M. (orgs.). Diálogos Metodológicos sobre Prática de Pesquisa. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998, p. 11-30.

OESTE (Revista mensal). Reprodução fac-similar de 23 fascículos publicados em Goiânia no período de julho de 1942 a dezembro de 1944. Goiânia: UCGCEF, 1983.

PATTO, Maria Helena. S. Exercícios de indignação: escritos de educação e Psicologia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

PESSOTTI, Isaías. O século dos manicômios. São Paulo: Editora 34, 1996.

PESSOTTI, Isaías.. Notas para uma história da Psicologia no Brasil. In: ANTUNES, Mitsuko A. M. (org.). História da Psicologia no Brasil: primeiros ensaios. Rio de Janeiro: EdUERJ, Conselho Federal de Psicologia, 2004a, p. 209-227.

PESSOTTI, Isaías.. Dados para uma história da Psicologia no Brasil In: ANTUNES, Mitsuko A. M. (org.). História da Psicologia no Brasil: primeiros ensaios. Rio de Janeiro: EdUERJ, Conselho Federal de Psicologia, 2004b, p. 121-137.

POHL, J. E. (1976). *Viagem no interior do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. (Obra original publicada em 1832).

PPGP. Regulamento do Programa do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Disponível em: www.ppgp.fe.ufg.br Acesso em: 20/08/2023.

ROCHA, Nádia. M. D. A preocupação com questões psicológicas nas teses da Faculdade de Medicina da Bahia no século XIX. Temas em Psicologia. [on line], vol. 8, n. 2, p. 163-173.

RODRIGUES, Anderson de Brito. História da Psicologia em Goiás: saberes, fazeres e dizeres na educação. Goiânia: UFG, 2007. (Tese)

SAINT-HILAIRE, A. Viagem às Nascentes do Rio São Francisco. (1975a). Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. (Obra original publicada em 1847).

SAINT-HILAIRE, Auguste de. Viagem à Província de Goiás. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.

SCHWARCZ, Lilia M. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TONUCCI, Francesco. Com olhos de criança. Porto Alegre: ARTMED, 2003.

VALDEZ, D. (Org.). Dicionário de educadores e educadoras em Goiás: séculos XVIII - XXI. Goiânia: Imprensa Universitária, 2017. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/ebook_dicionario_e_ducadores.pdf

WRIGHT MILLS, C.. A imaginação sociológica. 2. Ed. Zahar editores. Rio de Janeiro, 1969.

YAMAMOTO, O. H. 50 anos de profissão: responsabilidade social ou projeto ético-político? Psicologia: Ciência e Profissão, 32(esp), 6-17, 2012.

NOTAS SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

Alcides José Sanches Vergara é graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Pelotas. Doutor em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho - Campus Assis. Professor aposentado da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: alcidesvergara55@gmail.com.

Allana Patrícia da Silva é estudante de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: allana.silva445@academico.ufgd.edu.br.

Ana Maria Jacó Vilela é graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professora-titular na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora do Laboratório de História e Memória Clio-Psyché. E-mail: jaco.ana@gmail.com

Anderson de Brito Rodrigues é graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Goiás. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Goiás. Professor-associado na Universidade Federal de Goiás. E-mail: andersondebritoarodrigues@ufg.br.

André Elias Morelli Ribeiro é graduado em Psicologia e doutor em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho - Campus Assis. Professor na Universidade Federal Fluminense - Rio das

Ostras. Coordenador do projeto Portal História da Psicologia. E-mail: andre.elias.morelli@gmail.com.

Andrêza Reis da Silva é graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves. E-mail: andrezareisdasilva15@gmail.com.

Arthur Arruda Leal Ferreira é graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor-titular na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Nível 2. E-mail: arleal1984@gmail.com.

Brenda Rodrigues Marcelino Alexandre é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: brendarmalexandree@gmail.com.

Bruna Torrecilha Cessel é estudante de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: bruna.cessel@gmail.com.

Cristina Lhullier é graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Ciências - Psicologia pela Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto. Professor-adjunta na Universidade de Caxias do Sul. E-mail: clhullie@ucs.br.

Dener Luiz da Silva é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor-titular na Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: densilva@ufsj.edu.br.

Denise de Matos Manoel Souza é graduada em Psicologia pelo Centro Universitário da Grande Dourados. Mestre em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. Professora do Centro Universitário da Grande Dourados. E-mail: denise.manoel@unigran.br.

Diego Duarte Ribeiro é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: diego.ribeiro042@academico.ufgd.edu.br.

Erika Lourenço é graduada em Psicologia e doutora em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora-associada na Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: erikalourenco.mail@gmail.com.

Felipe Maciel dos Santos Souza é graduado em Psicologia pelo Centro Universitário da Grande Dourados. Doutor em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor-associado na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: felipesouza@ufgd.edu.br.

Fernanda de Cássia Oscar Otaciano é graduada em Psicologia e mestre em Psicologia pela Universidade

Federal de São João del-Rei. Professora no Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves. E-mail: fernanda.oscar2@gmail.com.

Filipe Degani-Carneiro é graduado em Psicologia e doutor em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor-adjunto na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenador do Laboratório de História e Memória da Psicologia Clio Psyché. E-mail: filipe.degani@gmail.com.

Gabriela Syperreck Ramires é graduada e mestranda em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. E-mail: gabrielasyperreck@gmail.com.

Guilherme José Pavesi é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: guilherme.jose.p12@gmail.com.

Inês Rosa Bianca Loureiro é graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo e em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: inesbiancaloureiro@gmail.com.

Isabella Espíndola Rodrigues é graduada e mestranda em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. Bolsista Excelência pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Católica Dom

Bosco (PPGPsi-UCDB).
isarodrigues0205@gmail.com.

E-mail:

Juberto Antonio Massud de Souza é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: xjubertox@hotmail.com.

Letícia Andrade Herrera é graduada e mestranda em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. E-mail: leticiaandradeh63@gmail.com.

Letícia José Pedrozo é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: lelepedrozo@gmail.com.

Letícia Martins Righi é graduada em Psicologia pelo Centro Universitário da Grande Dourados. Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: leticia.righi045@academico.ufgd.edu.br.

Luísa Xavier de Brito Silva é graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia - Vitória da Conquista. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: luisabrito14@hotmail.com.

Marcelo Augusto de Oliveira é estudante de Medicina na Universidade Federal dos Vales de

Jequitinhonha e Mucuri. E-mail:
marcelo.augusto@ufvjm.edu.br.

Marcus Vinícius Amaral do Gama Santos é graduado e mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: mvgama@hotmail.com.

Maria do Carmo Guedes é graduada em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ciências Humanas - Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora emérita da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: mcguedes34@gmail.com.

Maria Eduarda Fiorini é estudante de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: maria.fiorini086@academico.ufgd.edu.br.

Maria Eduarda Gregório dos Santos é estudante de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail:
maria.santos722@academico.ufgd.edu.br.

Maria Gabrielle Coelho Caldeira é graduada na Licenciatura em Pedagogia e no Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e mestranda em Ciências Humanas pela Universidade dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: mariagabriellecoelhocaldeira19@gmail.com.

Marisa Todescan Dias da Silva Baptista é graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: marisatdsb@gmail.com.

Nathália Soares de Lima é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: nsoares884@gmail.com.

Paulo Coelho Castelo Branco é graduado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor da Universidade Federal do Ceará. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Nível 2. E-mail: pauloccb branco@gmail.com.

Raphael Thomas Pegden é graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre e doutorando em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: rtpegden@gmail.com.

Renato Sampaio Lima é graduado em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor-associado da Universidade Federal Fluminense - Nova Friburgo. E-mail: renatosampaio@id.uff.br.

Roberta Vasconcelos Leite é graduada e doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora-adjunta na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: roberta.leite@ufvjm.edu.br.

Rodolfo Luís Leite Batista é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei. Doutor em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor-adjunto na Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: rodolfo.rl@ufjf.edu.br

Rodrigo Lopes Miranda é graduado em Psicologia e doutor em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor na Universidade Católica Dom Bosco. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Nível 2. E-mail: rlmiranda@ucdb.br.

Sérgio Dias Cirino é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professor-titular na Universidade Federal de Minas Gerais Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Nível 2. E-mail: sergiocirino99@yahoo.com.

Walter Aristóteles Oliveira Miez é graduado, mestre e doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: waltermiez@gmail.com.

William Barbosa Gomes é graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Pernambuco. Graduado em Música pela Universidade Federal de Pernambuco. Doutor em Higher Education pela Southern Illinois University. É professor emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: wbgomes@gmail.com.

Yuri Elias Gaspar é graduado e doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor-adjunto na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: yuri.gaspar@ufvjm.edu.br.

